

**A Produção Midiática de Movimentos Sociais:  
Documentário *Guapiaçu, Um Rio (de Janeiro) Ameaçado*<sup>1</sup>**

Mariana de Sousa CAIRES<sup>2</sup>

Laura Fontana NOVO<sup>3</sup>

Antonio Francisco MAGNONI<sup>4</sup>

Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, UNESP, Bauru, SP.

## RESUMO

O presente relato mostra o trabalho de análise do documentário *Guapiaçu: um Rio (de Janeiro) Ameaçado*, um projeto de Comunicação Popular desenvolvido pelo MAB - Movimento dos Atingidos por Barragens, como um modelo Mídia Radical auto-gestionada. Em nossa investigação, buscamos compreender como se dá o processo de comunicação do movimento social e qual o efeito que um produto audiovisual tem na audiência e na pauta do movimento em questão.

**PALAVRAS-CHAVE:** Movimento dos Atingidos por Barragens; Mídia Cidadã; Mídia Radical; Movimentos Sociais.

## INTRODUÇÃO

Muito se discute sobre o papel dos meios de comunicação de massa e como eles têm evoluído desde o início da Modernidade e sido utilizados como recursos de formação de opinião pública, sobretudo entre as sociedades urbano-industriais.

Os meios de comunicação de massa ampliaram o alcance da informação, dando visibilidade a acontecimentos ocorridos a uma audiência indefinida, distante do fato temporal e espacialmente. No entanto, os Movimentos Sociais não ocupam grandes espaços na agenda da mídia tradicional, e frente a isso, é extremamente necessário que o movimento possua um canal de comunicação com o público que deseja atingir.

Tomada como uma necessidade vital para tais meios, a comunicação emancipatória dos movimentos possibilita a produção de produtos relacionados à luta de classes e formação de sujeitos históricos, como retrata Downing, do ponto de vista do anarquismo socialista:

“a mudança social construtiva deve erigir-se sobre os alicerces da atividade das massas, da automobilização. A comunicação efetiva no interior dos movimentos sociais e praticada por eles é, portanto, uma necessidade vital para que a automobilização possa ocorrer e prosperar. A mídia radical de maneira alguma deve

---

1 Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho da V Conferência Sul-Americana e X Conferência Brasileira de Mídia Cidadã.

2 Estudante de Graduação 6º semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UNESP, email: marianacaires1@gmail.com

3 Estudante de Graduação 6º semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UNESP, email: laufontana@gmail.com

4 Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social da UNESP, email: afmagnoni@faac.unesp.br

ser rebaixada a um mero e interessante experimento para viciados em cultura revolucionária.” (DOWNING, 2002, p 67)

Nesse sentido, dentro das ferramentas que ajudam o MAB - Movimento dos Atingidos por Barragens- na construção de sua luta, os canais próprios de comunicação e formação política são importantes instrumentos emancipatórios. Quem assiste ao documentário “Guapiaçu - um Rio (de Janeiro) ameaçado” passa a ter contato com uma realidade que só se pode encontrar ao visitar a região atingida ou com uma busca aprofundada nos arquivos do próprio movimento social. O MAB oferece uma espécie de banco de dados com todas as informações e mídias disponíveis para download. Situa-se no endereço <http://www.mabnacional.org.br>.

## **MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

O Resumo presente artigo deriva de uma pesquisa conceitual e de campo para o desenvolvimento de projetos de Iniciação Científica. O objetivo será estudar os sistemas de Comunicação Popular desenvolvido pelo MAB, os tipos de formatos e linguagens utilizadas, a qualidade e a pertinência dos produtos comunicativos e sua abrangência. A principal finalidade da pesquisa é mensurar o alcance social das ações comunicativas da SAA e os níveis de feedback do público-alvo heterogêneo formado pelas populações atingidas pelas cheias de lagos de usinas hidrelétricas nas diversas regiões do país.

As pesquisas serão exploratórias e qualitativas e para realizá-las, as estudantes vão utilizar referências bibliográficas que abordem aqueles movimentos sociais brasileiros que são objeto da temática, também diversos autores nacionais e internacionais que discutam a comunicação não hegemônica e que priorizem recursos e métodos para a construção de meios de comunicação popular e alternativa. Outra etapa será levantar e realizar análises documentais de produtos de comunicação e entrevistas de campo com o público e com os produtores da comunicação do MAB.

## **DESCRIÇÃO DO PROCESSO/EXPERIÊNCIA**

### **1. A barragem do rio Guapiaçu**

Prevista para ser construída a 100 km da capital do Rio de Janeiro, no município de Cachoeiras de Macacu, a barragem do rio Guapiaçu é apontada pelo governo como solução para o sistema Imunana-Laranjal, que abastece a região leste metropolitana do Rio de Janeiro. O projeto segue o modelo das construções de hidrelétricas no Brasil instaurado nos anos 1970, que propõe o desvio dos cursos de rios, alagando regiões e construindo barragens, causando a retirada de toda a fauna e flora da região afetada. O projeto de Guapiaçu pode atingir diretamente três mil pessoas e incidir diretamente sobre uma cadeia produtiva de quinze mil agricultores e é considerado pela Associação de Geógrafos Brasileiros o mais prejudicial do ponto de vista dos seus impactos sociais e

ambientais. O documentário analisa a questão do território e suas contradições no processo de desterritorialização sofrido pelo agricultor, produtor e população ribeirinha que terão suas terras apropriadas caso o projeto da construção da barragem do rio Guapiaçu siga adiante.

Para o desenvolvimento da pesquisa sobre o documentário foi utilizado inicialmente uma revisão bibliográfica do tema, investigando-se a história da construção de barragens na região sudeste do país, bem como o histórico do MAB, envolvido na defesa dos atingidos pelos projetos, em especial, do MAB - Movimento dos Atingidos por Barragens.

### **b) Mídia e História do Movimento dos Atingidos por Barragens**

O Movimento dos Atingidos por Barragens surgiu conforme os planos de construção de grandes hidrelétricas brasileiras atingiam os direitos de milhares de cidadãos brasileiros e geravam insatisfação popular. No final da década de 70, se formaram as Comissões de Atingidos com o foco principal de luta pela indenização justa, já que o governo pouco pagava às famílias por suas terras inutilizadas. Organizaram-se nessa época a CRAB (Comissão Regional dos Atingidos por Barragens) na região Sul, a CAHTU (Comissão dos Atingidos pela Hidrelétrica de Tucuruí) e a CRABI (Comissão Regional dos Atingidos do Rio Iguaçu). Aos poucos, a luta ganhou consistência, e em 1989, os movimentos populares organizaram o Primeiro Encontro Nacional de Trabalhadores Atingidos por Barragens, e nesse momento a luta já pedia por indenização de Terra por Terra.

O Movimento continuou se organizando em congressos e encontros, e começou a criticar os defeitos da forma de produção de energia em si, e a palavra de ordem tornou-se “Terra sim, barragem não!”. O avanço do neoliberalismo no Brasil na década de 90 culminou na privatização da energia hidrelétrica brasileira e o Sistema Interligado Nacional construído até então foi entregue para as transnacionais, o que tornou as lutas muito mais difíceis. O Movimento dos Atingidos por Barragens hoje está presente em dezesseis estados do Brasil (RS, SC, PR, SP, MT, MG, BA, PE, PB, CE, PI, GO, TO, MA, PA e RO) e a principal palavra de ordem é “Água e energia não são mercadorias! Água e energia são para soberania!”.

### **c) O documentário em questão**

O documentário como formato audiovisual é uma ferramenta importante, dado que engloba recursos visuais e sonoros para passar a informação. Dessa forma, torna-se acessível a quem não sabe ler e acaba atingindo maior público, se comparado a grandes reportagens em rádio ou jornais impressos. É fundamental ressaltar a importância do documentário na construção e divulgação do conhecimento, além da possibilidade de desenvolvimento de uma participação ativa de uma determinada comunidade a partir da utilização do gênero, como no caso, no gênero jornalístico. Produzido por integrantes da MAB Comunicações, o documentário Guapiaçu, um Rio (de Janeiro)

Ameaçado, assim como todo o processo de comunicação do Movimento Social é um exemplo de mídia radical autogestionada com o objetivo de refletir sobre os problemas dos atingidos e de situá-los dentro do objetivo do movimento. Aqui, podemos lembrar Enzensberger (2003), que defende esse tipo de mídia como a indústria da consciência, pois se trata de um tipo de comunicação que atinge os corações e mentes da população e ainda por cima em larga escala. Se o comunicador pode alcançar um grande contingente de pessoas e tornar-se agente das massas, a comunicação emancipa.

#### **d) Mídia Radical como instrumento de Movimentos Sociais - MAB**

O Movimento dos Atingidos por Barragens está presente em dezesseis Estados brasileiros, e possui militantes produtores de conteúdos em todas as áreas abrangidas. Em cada Estado, há uma coordenação estadual, que gere o trabalho de produtores de conteúdo das áreas específicas de abrangência do Movimento dentro dos estados. O conteúdo é enviado às coordenadorias regionais e repassado à coordenadoria nacional, situada em São Paulo. Na Secretaria Nacional, funciona a assessoria de imprensa, e a equipe de comunicação cuida da publicação de conteúdos no site e nas redes sociais, além de planejar também os produtos audiovisuais, “como maneira de criar ferramentas para as populações fortalecerem suas lutas”, explica Vinicius Denadai, membro da Secretaria Nacional, na área de comunicação. O trabalho de comunicação do Movimento dos Atingidos por Barragens compreende os estudos de Downing sobre as mídias Radicais:

“a mídia radical alternativa expande o âmbito das informações, da reflexão e da troca a partir dos limites hegemônicos, estreitos, do discurso da mídia convencional. Isso se dá, em geral entente, pelo fato de ser bastante numerosa. Em segundo lugar, ela freqüentemente tenta ser mais sensível do que a mídia convencional às vozes e tem aspirações dos excluídos. Muitas vezes, tem estreita relação com algum movimento social em andamento e, portanto, expressa com muita espontaneidade os pontos de vista e opiniões que não encontram espaço são ridicularizados na mídia oficial. Com muita freqüência também, é ela que toma a dianteira na discussão de questões que só mais tarde receberão atenção da mídia oficial. Em terceiro lugar, a mídia radical alternativa não precisa censurar-se para atender aos interesses dos mandachuvias da mídia, do entrincheirado poder estatal e das autoridades religiosas. Em quarto, sua própria organização interna é muitas vezes mais democrática que hierárquica, como veremos em vários estudos de caso. (...) Esses elementos combinados justificam plenamente a idéia de que a mídia radical é o agente da capacidade de desenvolvimento, não apenas instituições de contra-informação e, com certeza, não um enfadonho enxame de mosquitos passageiros.” (DOWNING, 2002, p 81)

#### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No que se refere à luta por mudança do sistema estabelecido, a participação das camadas populares, dos atores sociais da sociedade se tornou cada vez mais importante. Grande parte da população excluída do mercado global ou que vive à margem da sociedade como um todo, encontra maneiras criativas de produção de uma cultura própria, resistente a lógica do mercado, e que pode vir a constituir uma fundamentação solidificada para a produção de uma política. Esses protagonistas

lutam pelo surgimento de uma nova história, por uma realidade mais humana e mais justa. “No plano teórico, o que verificamos é a possibilidade de produção de um novo discurso, de uma nova metanarrativa, um novo grande relato” (Santos, 2008, p.21), e este vem se concretizando de diferentes formas no decorrer das últimas décadas, e entre as possibilidades de desconstrução está o surgimento da mídia radical autogestionada.

No caso do documentário *Guapiaçu, um Rio (de Janeiro) Ameaçado*, é registrada a tradução das principais pautas da agenda do MAB, expandindo as fronteiras da política do movimento e lutando de maneira significativa para a redefinição da noção de cidadania. Como movimento social, o MAB encontra-se na classificação de Downing (2002) como um movimento de atores sociais e racionais que por falta de propriedades e pela pobreza precisam de ferramentas para exercer influência. Aqui, especificamente, falamos muito além de pessoas sem propriedades e pobres, mas de problemas sociais nocivos à biodiversidade e sociodiversidade desses atingidos. Por esses problemas que nascem com os atingidos, o documentário aponta as consequências que todo esse processo desencadeia nas classes subalternas e se constitui em um mecanismo de luta por reconhecimento, em um exemplo de produto que contesta as relações de poder e em um instrumento contra hegemônico que valoriza a ação coletiva.

É importante considerar e refletir sobre os desafios enfrentados pelo projeto comunicacional do MAB, em especial pelo documentário, pois ele se desenvolve num sistema neoliberal perpassado por todos os tipos de injustiças socioeconômicas e culturais. Mas é essencial reconhecer que uma luta contra-hegemônica está sendo colocada em marcha e a presença da resistência revela que ainda existe esperança de transformação da realidade dos atingidos pelas barragens.

## REFERÊNCIAS

DOWNING, J. D. H. **Mídia Radical: Rebeldia nas Comunicações e Movimentos Sociais**, Editora SENAC São Paulo, SP, 2002.

FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

MAGNONI, Antonio Francisco. **Primeiras Aproximações sobre Pedagogia dos multimeios para o ensino superior**. Marília: Unesp, 2001.

MATEO-PÉREZ, María; ROMERO, Marc; ROMEU, Teresa. **La Construcción Colaborativa de Proyectos como Metodología para Conquistar Competencias Digitales**. Huelva (Espanha): **Comunicar**. Nº 42, V XXI, 2014.

PERUZZO, C. M. K. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**, 3ª ed., Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2004.